

## CANUDOS: PRIMEIRA ABORDAGEM

Jailza Borges Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Esse artigo tem como objetivo, tentar perceber e estudar a origem, as etnias e as razões que levaram os moradores do Belo Monte / Canudos a construírem um modo de vida que o regime republicano, tomou como afronta. Partindo da premissa de contextualizar a situação em que a Bahia e o Brasil encontravam-se num todo, vou focar o que representou Canudos e seus idealizadores, diante das condições sociais e econômicas a que o sertão foi relegado. Mediante esse cenário, tomarei como fontes de pesquisa o “Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia” e uma das imagens de Canudos, clicada pelo fotógrafo Flavio de Barros. A partir daí, vou estabelecer um diálogo entre essas duas fontes, para traçar o perfil e as condições vividas por este povo, que foi vítima da ganância dos latifundiários que os enxergavam como uma ameaça. O recurso metodológico sobre o qual vou debruçar-me, será a fotografia, em que tenciono dar voz aos que fazem parte da história, contada pela classe inferior, ou dos “vencidos”, que, ao longo das tentativas de dizimação, foram tratados por nomes pejorativos, de inimigos da Bahia e do Brasil. Procuo limitar a minha abordagem ao cenário deixado em Canudos após o genocídio de que boa parte dos seus moradores foram vítimas e o que motivou o ocorrido.*

**Palavras-chave:** Canudos; Imagens; Moradores de Belo Monte.

A proposta desse projeto consiste em pesquisar, perceber e discutir sobre aqueles que foram os “revoltosos” Canudos, tendo como objeto preponderante o diálogo entre o “Histórico e Relatório do comitê Patriótico da Bahia” e uma das imagens mais famosas registrada pelo fotógrafo Flavio de Barros. Com isso não estou querendo dizer que não vou recorrer a outras fontes.

Como já foi dito por vários estudiosos do tema (Canudos), para entender esse episódio histórico, faz-se necessário entender a situação política e social em que o país se encontrava. Também digo que, talvez para se entender quais foram os grupos sociais que estiveram ao lado de Antonio Conselheiro, tenhamos que ter essa visão do contexto histórico da época.

O cenário brasileiro já se apresentava, desde 1888, em total insatisfação social, que passo a pontuar a partir de então com a: “Abolição da escravidão”, a crença militar do direito de participação nas questões políticas e sociais, o golpe republicano de 1889, derrubada da monarquia, nova constituição que estabelece um Brasil presidencialista, (fim da ligação da igreja e o estado = matrimônio civil) por fim dificuldades políticas na implantação da República com a crise inflacionária e a primeira prática da “degola” (morte por decapitação) em 1893, com a guerra civil no Rio Grande do sul.

Após esse cenário, creio que fica possível traçar o perfil dos participantes da guerrilha de Canudos, que na verdade eu nomeio de um grande modelo de protesto diante das injustiças e descaso praticado pela República ao povo do Sertão.

Encontrei, na minha maior fonte de pesquisa, “O Histórico do Comitê Patriótico”, os elementos comprobatórios de que a miscigenação era tão intrínseca no sertão, que as citações

---

<sup>1</sup> Acadêmica da Universidade Católica do Salvador/ Departamento de História, [jbojai@bol.com.br](mailto:jbojai@bol.com.br), (autora). Orientador: Sérgio Guerra, Professor Doutor do Departamento de História/ Universidade Católica do Salvador, [sergu@terra.com.br](mailto:sergu@terra.com.br).

contidas nessa obra revelam o tipo físico das crianças que ficaram órfãos, que me possibilitou visualizar os perfis dos seus pais:

*Maria H. dos Santos, (cabocla, clara, de 12 anos) Maria Domingas de Jesus, (mulata, clara de 12 anos) Jovina marciana dos Santos (6 anos, branca, de cabelos castanhos claros) Demetria, (branca de 4 anos) Alexandrina, (3 anos, cabocla) Eduarda, (branca, 2 anos) Martinha (escura, de 2 anos) Joana (mulata, clara de 4 anos)... Francisco, (caboclo, de 2 anos) Severo Anastácio (preto, de 6 anos) Rosendo, (caboclo de 9 anos) Manuel, (louro, de 10 anos) Julio Marciano dos Santos, (branco de 8 anos) Damásio de Souza, (escuro, de 12 anos) Avelino, (2 anos, caboclo) Estevão, (preto de 9 meses) Manuel (caboclo de 8 anos) (PIEDADE, 2002. p.226-228).*

Se formos partir das idéias republicanas, de ver-se bem aceito no mercado mundial, durante o processo de implantação do regime presidencialista, talvez venhamos até chegar à conclusão de que o genocídio ocorrido em Canudos caia como uma luva, no sentido de eliminar algumas raças e com isso mostrar uma sociedade, composta por brancos, na sua maioria.

Euclides da Cunha parece que bebeu também desses ideais, quando assume uma posição de que “*a mistura das raças na maioria dos casos é prejudicial... A mestiçagem extremada é um retrocesso*” (CUNHA, 2001, p.116).

Ele vai mais longe, ao tomar para si a tentativa de explicar a “*gênese da população sertaneja*”. Concorda que o desenvolvimento das raças atinge o avanço da civilização e aquilo que ele chama de lutas de raças, Marx chama de lutas de classes.

Segundo Euclides, esse confronto de “*raças, que ele denomina de combate surdo, formidável, que é a própria luta pela vida das raças*” (CUNHA, 2001. p.116). De maneira que, o fruto disso é que os mais inferiores, fracos são esmagados, cedendo lugar a outros mais fortes. Ele buscava a unidade racial do povo, tal como existe na Europa. Porém ele esquece que houve no Brasil uma mistura diversificada, que, por isso, se torna quase impossível identificar um tipo único, que ele tanto procurava. Mais a diante, este vai aperceber-se, talvez pelas desilusões intelectuais ou mesmo por sua condição de mulato, de que nunca haverá no Brasil uma unidade racial. Apesar disso, ele profetiza que o “*avanço da civilização irá dirigir-se ao Sertão e nesse confronto, as raças mais fracas serão esmagadas pelas mais fortes*” (CUNHA, 2001. p.116).

De forma que essa conjuntura o leva a expor que a lição armada, tal qual aconteceu nas caatingas da Bahia, não se faça necessário para atingir a purificação racial. Isso porque há outro meio menos doloroso, que é a “*diluição no cruzamento*”, em que na sua concepção, a raça forte destrói a fraca pelo esmagamento da civilização.

Sou adepto das idéias de que Euclides da Cunha, ao priorizar nos seus estudos os gêneros que formam a população sertaneja, esqueceu-se de aspectos importantes que são de ordem: “*humanos e sociais*” da sociedade do Sertão, quando a luta expressa, no movimento de Canudos, com o confronto entre os camponeses oprimidos e os coronéis latifundiários, que possuíam a terra como elemento principal de disputa.

Como foi possível verificar, a questão da terra nas mãos de poucos só poderia criar situações de lutas por parte dos menos favorecidos, por não mais se contentar em ver-se explorados na condição de empregados dos coronéis, isso quando conseguiam esse “*emprego*”. O modelo político que era vigente na Bahia, em que aqueles que estavam no poder, deveriam fazer honrar a constituição, foram os primeiros a agirem como bandidos, elegendo quem bem quisessem e dando cobertura legal para os grandes latifundiários nos seus mandos e desmandos e que, por conseguinte, influenciam alguns sertanejos à prática do banditismo, com a promessa de ficarem impunes dos crimes. Foram esses mesmos que intitularam os canudenses de “*jagunços, fanáticos, bandidos*” (Ruy Barbosa), e isso se deve basicamente ao fato de estar sentindo a

ameaça de perder os seus “escravos”, que viam um estilo de vida de fartura, de respeito para com os seus no tipo de comunidade que o conselheiro desenvolveu, em que o acúmulo de riquezas materiais eram mal visto e, principalmente, quando esta era proveniente dos republicanos. Nascia ali uma espécie de comunidade socialista, o que despertava o medo dos que detinham o poder, pois, se essa idéia se alastrasse, causaria grandes perdas aos que vivem da exploração e usurpação, como bem diz Honório:

*Recordações, moço? Grande era Canudo do meu tempo. Quem tinha roça tratava de roça, na beira do rio. Quem tinha gado. Tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de rezar ia rezar. De tudo se trata. Porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grande, na regra ensinada pelo Pelegrino... (GUERRA, 2000, p.127).*

Nessa comunidade, as evidências demonstram que o intuito de procurar uma vida melhor era o grande objetivo desses “revoltosos”. Contudo a idéia que foi propagada era de que se tratava de uma revolta que se opunha à República, portanto era monarquista e, para piorar, possuía um líder que se caracterizava de Jesus e tinha um discurso que soava como uma concorrência com a Igreja Católica. Creio que a força demonstrada pelo movimento de Canudos foi de extrema amplitude, e Antonio Olavo revela isso com autoridade, ao dizer que o trabalho realizado pelo Comitê Patriótico da Bahia recebia apoio dos mais eminentes representantes da sociedade brasileira, dentre eles: Euclides da Cunha, Ruy Barbosa e outros mais e, durante o período de todo o trabalho realizado, oito jornais mais importantes no Brasil enviaram correspondentes para cobrir o movimento de Canudos.

E interessante observar que o Comitê teve uma participação bastante importante durante as investidas feitas pelo poder público a Canudos. No início, tinha por finalidade garantir a integridade física, em que as mulheres eram colocadas em Salvador, em alojamentos de péssimas condições e, no segundo ato do movimento, o Comitê assume também o encargo de reconstituir os laços de identidade e parentesco. Nesse seguimento, existem alguns aspectos levantados por Lélis Piedade, (um dos encarregados-chefe do Comitê) que trata da existência de crianças separadas de irmãos e vendidas como se fossem animais. Fala também dos que levavam os seus “jaguncinhos”, daqueles que eram bem intencionados e os que praticavam a escravidão ou mesmo o abuso sexual dessas crianças. De maneira que o pós-guerra de Canudos apresentou uma faceta amarga para aqueles que sobreviveram, porque ainda assim fugiam da perseguição ilegal que sofriam. O Comitê relata, por meio dos registros de monografia de Lucia Mascarenhas, a presença dos índios kiriri na guerrilha de Canudos... a notícia da perseguição correu, e os índios com medo iam para o tabuleiro grande, chamado Geremoabo<sup>2</sup>.

Sem perder de vista a análise do perfil dos revoltosos da guerrilha de Belo Monte, tive a oportunidade de conhecer a origem, os medos, os receios e desilusões destes, por meio das imagens produzidas pelo fotógrafo Flávio de Barros. Fazendo uso, portanto, de mecanismo que me levou a contar a história de Canudos, a partir dos “vencidos”, daí porque as fotos vão atuar como forma de fonte de pesquisa e que me leva à interpretação de uma das suas fotos, que considero uma das mais ricas, em que vários prisioneiros de Belo Monte se encontravam. Nela teremos um grande número de mulheres e crianças, porque os homens, quase todos, haviam recebido a sentença da gravata vermelha. É válido também ressaltar que a imagem refletida de uma maioria negra, dentre os revoltosos, pode possuir uma explicação dentro do modelo de liberdade, que lhes foi outorgada. Modelo este que os deixou sem condições dignas de

<sup>2</sup> PIEDADE, Lélis (coord.). Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia: 1897-1901. Ed. Portfolium. 2ª edição. Salvador/Ba. 2002. p. 228-229.

sobrevivência e que acabou por levá-los, provavelmente, a fazer parte daqueles que o Brasil deu as costas.

Nessas fotos encontraremos uma criança desnutrida, no colo aparentemente de sua mãe, olhares perdidos e amedrontados, como se estivessem a olhar alguém que as assustasse. Poderia ser um dos soldados republicanos ou, talvez, o futuro incerto que as aguardava.

Quase no centro da imagem, podemos verificar uma mulher branca, de aparência “boa”, porém melancólica e, ao fundo, numa atitude de senhores do mundo e donos dos aqueles troféus, lá estavam os defensores da “pátria”, cheios de poses e exibicionismos. Nesta imagem, parece-me impossível identificar a idéia de seres fanáticos ou de bandidos, que tanto o estado tentou imputar. O que consigo visualizar muito bem é que esse povo faz parte dos mesmos que, até hoje, procuram na terra seu meio de sobrevivência, por conseguinte o sistema do poder oligárquico também não abre mão de continuar a explorar esse recurso que deveria servir a todos, sem distinção.

É possível realizar leituras distintas de cada personagem expressa na imagem abaixo, dando voz àqueles que a classe dominante fez questão de sufocar. Isso se torna bastante evidente, quando tentei, com mais vagar e com olhos que se predispõem a enxergar, além do que o fotógrafo naquele instante capturou. Temos então a visão ao fundo de alguns homens sentados belomontense/canudenses, que estavam ali na mesma condição que as mulheres e crianças: prisioneiro. O surpreendente nesse contexto é que, após-guerra, esses homens nunca apareceram e a pergunta fica: Por que estes sumiram? Será que foram degolados também? Essa fotografia, em especial, consegue transmitir, por meio de cada pequeno gesto ou olhar, a identidade, o modo de vida destes sertanejos, que não viram sacrifícios de largar alguns vícios, que iam de encontro às regras de comportamento exigidas pelo conselheiro, para todos que ali queriam viver segundo os relatos dos que sobreviveram. Abandonar velhos costumes não significava nenhum sacrifício, visto que sentiam prazer com outras atividades, como acordar cedo, trabalhar durante todo o dia, sem que, durante o dia, o cansaço os dominasse. Inclusive essa afirmativa foi relatada por Norton Macedo sobre aquele que foi o seu depoente, Honório Vilanova, um dos poucos que conseguiram sobreviver à degola:

*Não sentava na cadeira de balanço, foi à primeira coisa que me disse, quando o visitei. Gostava de sua dura cadeira de espaldar de aroeira, com assento de tiras de couro traçado. Tinha noventa e sete anos, mas queria atravessar a barreira dos cem, porque gostava da vida e pedia ao Eterno para esquecê-lo. Nem fumava nem bebia. Fumara, mas não lhe fora difícil largar a palhinha. Não contasse com ele a boca da noite, pois adormecia cedo. Durante o dia, sim desde o quebrar da barra, do amiudar dos galos, porque madrugava desde menino. As horas do sol não o intimidavam. Não se cansava de dia, nem de espírito nem de corpo. (MACEDO, 1983.p.30)*

Esse relato mostrou-me o real significado do ser sertanejo, que tem no trabalho a inspiração para continuar a viver.

Canudos representou e representa todo o sonho dos que vivem, na caatinga, que é o de poder ter seu sustento e, por isso, esse tema não se esgota. Porque até os dias de hoje, os sertanejos ainda sofrem como vítimas dos grandes latifundiários e com a falta de vontade dos que ocupam o poder político-econômico do país.



## REFERÊNCIAS

PIEIDADE, Lélis (coord.). Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia: 1897-1901. Ed. Portfolium. 2 edição. Salvador/Ba. 2002. p. 228-229.

GUERRA, Sérgio. Universos em Confronto; Canudos versus Belo Monte. UNEB. 2000. Salvador/Ba. p. 54.

Jornal A Tarde, 25 de janeiro de 2003. Caderno Cultural. Entrevista Olavo Antônio.

CANUDEAR Memórias e Cantorias. Os Sertões, O Poder e o Sertão. Apoio: Sindicato dos Trabalhadores do Ramo Químico Petroleiro.